

## EDITORIAL

## A SOCIEDADE E A EDUCAÇÃO A CONTRAPELO: MOVIMENTOS DE RESISTÊNCIA AO MAL-ESTAR CONTEMPORÂNEO

O *Whatsapp* não me regula, o *Messenger* também não. Nem o relógio de pulso, nem a *timeline* dos amigos, nem a Netflix. Ainda consigo manter certa desobediência civil, só aceito ordens de mim mesma. Meu toque de recolher particular é sagrado. Quando escuto o sinal, desligo o mundo – off.

A leitura de uma crônica semanal nos leva, tantas vezes, a pensamentos esparsos, a ideias soltas que alimentam um lado fundamental do viver. O recorte da crônica escrita por Martha Medeiros (Revista O Globo – 05/02/17) pode nos convidar ao reino do individualismo, com o indivíduo se constituindo como valor supremo, como ser fora do mundo.

No dizer de Robert Castel, esse mesmo individualismo ganha novo significado quando caracteriza um afastamento do social como campo de disputas - é o individualismo negativo.

Em nossa sociedade, hoje, tal perspectiva não nos afasta das angústias de um viver marcado por tempos sombrios, de redução de direitos, de destruição da política por si mesma, da democracia consensual que desemboca em um sistema semimorto, como em Baudrillard.

Esses mesmos tempos nos incitam à imperiosa e necessária releitura dos clássicos em busca por análises que construam a compreensão e desencadeiem a pulsão. Há um mal - estar que transversaliza a vida, adentra os sujeitos e nos faz eclipsar as brechas disponíveis para engendramento de reações coletivas no enfrentamento dos mandos e desmandos nascidos de uma lógica política alicerçada na redução do social, na supremacia do econômico, no forte atrelamento ao capital internacional.

Nesta conjuntura, múltiplos ataques às instituições nos deixam em estado de perplexidade. Eis porque nos cabe dar corpo e voz às reações que cortam o imobilismo, que fazem reverberar a voz dos sujeitos que se permitem viver nesta mesma sociedade a contrapelo e fazem da educação um campo propício à germinação de ações e reações em defesa dos direitos e do sonho de uma nação ainda possível.

É nesta perspectiva que fazemos deste espaço, em que apresentamos uma nova edição, um grito: SALVEMOS A UERJ! Grito em defesa de uma universidade emblemática, instituição representativa dos ataques de uma política voltada para o aniquilamento dos centros de construção do conhecimento, da excelência na formação de profissionais comprometidos com a sociedade: salvemos a universidade pública, salvemos a escola brasileira, salvemos a ciência, especialmente quando vemos reduzidos drasticamente os recursos para as pesquisas, quando o patrulhamento ideológico se traveste de projeto de lei, quando a censura goteja seu poder na conformação dos sujeitos, censura presente em diferentes situações!

São muitos e tantos os argumentos que nos levam a considerar a presença do mal-estar. Mas também são revigorantes os relatos de múltiplas experiências e investigações que nos fazem patentear a existência de uma pulsão permanente e crescente em educadores que vivem o *bom combate* e a resistência, em movimentos que vão instituindo uma outra realidade educacional, a contrapelo.

Assim, vamos buscando as fagulhas que iluminam e fazem emergir as imagens de coragem, que instilam energia na construção de projetos revigorantes. Falar de cada um dos artigos que agora publicamos seria fazer um relato rico, mas extenso. Destacar as imagens construídas por seus autores seria fazer deste editorial um saboroso relato, mas um imenso e caudaloso texto.

Por isso, reduzimos esta apresentação enfeixando-a na crença do valor dos educadores brasileiros. Educadores que lutam por creches, professores que ao ensinar se redimensionam e também o fazem em relação ao sujeito que aprende, seja ele a criança, seja ele adulto que adentra a escola deixando em seu cotidiano as marcas da experiência do aprender como reconstrução identitária.

É nesse movimento em que, **ensinar** significa, dialogicamente, aprender (Paulo Freire) e aprender implica em mover feixes de relações instituintes (Célia Linhares). Esteja o aluno na grande cidade ou nos rincões do Jequitinhonha; na escola regular ou em um museu futurista, seguindo cursos à distância, ou sendo capturado por modernismos capitalistas.

Ricas e fundamentais reflexões estão presentes nos trabalhos aqui publicados. Acreditamos que certezas serão colocadas em suspenso, práticas serão redimensionadas, estilos serão repensados. Este é o propósito, este é o horizonte de uma revista que nasceu se constituindo como espaço de socialização do conhecimento, como veículo identificado com movimentos opostos à cristalização, burocratização e padronização da escola e da educação, de educadores e educandos.

Afinal, investindo na pluralidade e nas diferenças, somos vigorosamente construtoras e construtores de uma democracia que se radicaliza pela confluência, sempre em movimento, de sonhos. Sonhos que nos fazem e nos refazem, cotidianamente, minuto a minuto, nesse nosso ofício de aprender e ensinar, ensinar e aprender, cada vez com mais autonomia e intensidade, para cada estudante, para cada mestre e para todos, como companheiras e companheiros que somos dessa incrível viagem que é a vida.

Léa da Cruz com Célia Linhares  
Novembro de 2017

## APOIOS

